A ressaca das ondas feministas: Considerações sobre conflitos na contemporaneidade.[1]

Joselaine Caroline da Silva SANTOS[2]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

A partir da letra da música "De dentro do ap", da cantora Bia Ferreira, iremos realizar uma análise acerca dos protestos contra o movimento feminista pontuando os conflitos sociais e rachaduras identificados dentro do movimento feminista O objetivo é fazer algumas considerações acerca das práticas sociais e históricas das problemáticas que geram conflito acerca das diferenças entre as pautas das mulheres negras e brancas. Fazendo uso metodológico da análise de discurso como ponta de partida, iremos apontar conceitos teóricos que dialoguem com os fenômenos, resultando em algumas notas sobre os conflitos sociais e midiáticos que circulam dentro do feminismo mediante a midiatização de suas especificidades e ramificações.

Palavras-chave: feminismo; feminismo negro; conflito.

Introdução

A ideia deste apanhado de considerações sobre os movimentos contemporâneos acerca das pautas sobre as diferentes práticas dos feminismos na sociedade brasileira, deu-se a partir da constatação do crescente debate acerca do papel da mulher branca e da mulher negra dentro do movimento, uma vez que as afro-brasileiras passaram a reivindicar suas lutas, opiniões, e contestar suas faltas de oportunidades e diferenciações perante "a identidade branca e ocidental da formulação clássica do feminismo" (CARNEIRO, 2003).

É importante salientar o enfoque racial realizado aqui, pois parte-se do princípio que não estamos excluindo nenhum outro fenótipo feminino, e sim realizando um recorte

[1] Trabalho apresentado na DT 5 – Comunicação Multimídia do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail: joselaine.caroline@ufrgs.br

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

entre os dois maiores grupos raciais de mulheres no Brasil, devido a amplitude da miscigenação brasileira.

Neste estudo iremos abordar os conflitos sociais que se estabelecem nos discursos acerca do feminismo e o feminismo negro, com o objetivo de realizar apontamentos e refletir acerca das práticas sociais e históricas em torno da problemática da tentativa de unificação das mulheres que defendem e das que não se sentem representadas por ele, mediante a midiatização de suas especificidades. Optamos pela análise do discurso na construção do *corpus* afim de delinear a problemática e estabelecer as relações com os aportes teóricos, partindo da ideia de que as redes (sociais) são "todo o universo possível a partir de um texto na Internet, incluindo os usuários" (LANDOW, 1995 *apud* SÁ, 2001).

No primeiro momento iremos transcorrer as transversalidades das correntes feministas de uma análise discursiva e seus caracterizações de uso, tendo como objeto a letra da música "De dentro do ap", da cantora Bia Ferreira, e também a postagem do perfil "sagrado feminista" no *Instagram*, onde iremos dialogar com as imbricações e aparelhamentos das práticas sociais e pautas sócio-políticas no feminismo.

No segundo momento partiremos para a análise de conteúdo das formas de uso das palavras que aparecem na letra da música fora dos padrões normativos, buscando extrair os sentidos, ainda que fazendo uso do discurso para compreender a importância do emprego dessas palavras no contexto da música. Após realizaremos considerações acerca das desigualdades sociais suscitadas pelo racismo institucional que culminam na subalternidade da mulher negra na pirâmide social e que resulta nas reivindicações que provocam reflexões acerca da branquitude. Propomos o levantamento de uma discussão do ponto de vista pragmático das teorias do feminismo e o feminismo negro, afim de suscitar reflexões sobre as tensões acerca dos princípios pré-estabelecidos pela sociedade feminina, para então realizarmos o distanciamento do objeto e construir os argumentos e os efeitos das práticas femininas.

Tomou-se o devido cuidado para não tendenciar o viés da militância, buscando tensionar os objetos através de aportes teóricos, de maneira estritamente científica e acadêmica. Entretanto, é válido reforçar que o aparelhamento dos movimentos feministas e suas forças, estão imbricadas aos movimentos sociais e políticos. Também é necessário ressaltar que o tensionamento das considerações apresentadas não tem como objetivo desqualificar o feminismo, ou diminuir qualquer que seja a teoria ou prática das diferentes vertentes do movimento. Ao contrário. Pois, de acordo com Orozco (2000), através da

pesquisa qualitativa ao associar os objetos e elementos busca-se chegar a uma compreensão dos fenômenos já existentes e identificados nos campos, usando como premissa o pensamento desenvolvido por REY (2005) de que "teorias são sistemas abertos". Sendo assim, temos o intuito de refletir sobre os princípios dos mesmos para que possamos começar a construir um denominador comum que produzam considerações relevantes sobre o tema, ao identificarmos as contestações de parcela das mulheres feministas perante as práticas coletivas na contemporaneidade.

O sagrado feminista

A postagem (ver Figura 1) que culminou na identificação dos fenômenos traz um texto que infere uma reflexão sobre as contestações da letra e do videoclipe da cantora Bia Ferreira, que retrata o cotidiano das mulheres negras e as discordâncias acerca das práticas do feminismo. Devido à crescente midiatização da sociedade, a internet e as redes sociais passaram a atuar na circulação e distribuição de conteúdos alternativos, entre eles movimentos de arte, músicas, e culturas alternativas, possibilitando o reconhecimento e compartilhamento da arte de diversos artistas, pois "os meios de comunicação são hoje o campo por excelência da mediação ou da articulação dos campos autônomos" (Rodrigues, 1983).

Figura 1: Postagem na página sagrado feminista

A autora do texto da postagem faz uma comparação entre as urgências das mulheres negras frente ao feminismo das mulheres brancas na contemporaneidade realizando uma contraposição das desigualdades sociais e raciais existentes na sociedade devido ao racismo institucional. A busca pela representatividade e da voz das mulheres negras está diretamente ligada às manifestações contra o racismo estrutural das instituições e Pierre Bourdieu (2007) diz que "*toda história do campo social está presente, em cada momento, em forma materializada em instituições (...) e em forma incorporada nas atitudes dos agentes que fazem funcionar estas instituições"*. Aparelhamos o pensamento de Bordieu à Patrícia Collins (2017), que faz algumas considerações sobre o mulherismo[3] através dos estudos de Pinkney e Van Deburg que dizem que "brancos e negros não podem atuar como iguais, enquanto habitando o mesmo território ou participando das mesmas instituições sociais".

Uma vez que "a diferença racial cria uma constante distorção de visão, ainda que tácita, as mulheres negras sempre foram, por um lado, altamente visíveis e, pelo outro lado, foram tornadas invisíveis por meio da despersonalização do racismo" (LORDE, 1984). Tal estruturação culmina na dificuldade da mulher negra em buscar oportunidades iguais e provar seu valor perante à sociedade patriarcal e ao feminismo das mulheres brancas e intelectuais.

A música "De dentro do ap" faz uma crítica explícita ao feminismo de apartamento e discorre sobre algumas práticas do movimento feminista praticado pelas mulheres brancas, de classe média e alta. Na letra da música percebemos as contrariedades e oposicionismo acerca da atuação das mulheres negras e brancas, assim como no mulherismo onde "as mulheres afro-americanas que abraçam a filosofia nacionalista negra normalmente expressam pouco interesse em trabalhar com mulheres brancas; de fato, as mulheres brancas são definidas como parte do problema" (COLLINS, 2017).

De dentro do apê
Com ar condicionado, macbook, você vai dizer
Que é de esquerda, feminista defende as muié
Posta lá que é vadia que pode chamar de putas
Sua fala não condiz com a sua conduta

Vai pro rolê com o carro que ganhou do pai
Pra você vê, não sabe o que é trabai

[3] Mulherismo é termo desenvolvido por Alice Walker em *"In search of Our Mother`s Garden"* (1983), onde ela apresenta diversas definições para um movimento de feministas negras universalistas.

E quer ir lá dizer
Que entente sobre lutas de classes
Eu só sugiro que cê se abaixe

Porque meu tiro certo, vai chegar direto
Na sua hipocrisia
O papo é reto, eu vou te perguntar
Cê me responde se cê aguentar, guria
Quantas vezes você correu atrás de um busão
Pra não perder a entrevista
Chegou lá e ouviu um
Não insista
A vaga já foi preenchida viu
Você não se encaixa no nosso perfil
Quantas vezes você você saiu do seu apartamento
E chegou no térreo com um prato de alimento
Pra tia que tava trampando no sinal
Pra sustentar os quatro filhos que já tá passando mal de fome?
Quantas vezes cê parou pra perguntar o nome
E pra falar sobre seu ativismo?
Quando foi que cê pisou na minha quebrada, pra falar sobre o seu
Fe-mi-nis-mo?

Sempre deixando pra amanhã
Deixando pra amanhã
A miliano que cês tão queimando sutian

Sempre deixando pra amanhã
Deixando pra amanhã
A miliano que cês tão queimando sutian

Sempre deixando pra amanhã
Deixando pra amanhã
A miliano que cês tão queimando sutian

Sempre deixando pra amanhã
Deixando pra amanhã
A miliano que cês tão queimando sutian

E nós? As muié preta, nós só serve pra vocês mamar na teta
Ama de leite dos brancos
Sua vó não exitou, quando mandou a minha lá pro tronco

De dentro do apê
De dentro do apê
De dentro do apê
De dentro do apê (FERREIRA, 2019)

Das críticas identificadas na letra da música, e fazendo uso da análise do conteúdo identificamos o uso incorreto das grafias das palavras selecionadas de forma proposital, podendo ser uma forma de inferir uma reflexão sobre a identidade da mulher negra como doméstica mucama, ama de leite, como a própria música cita, e até mesmo as posição de

empregada doméstica, profissão normalmente ocupada por elas no mercado de trabalho e nas novelas. O uso das palavras "*muié*" (mulher), "miliano" (mil e anos), "cês" (vocês), "*trabai*" (trabalho) e a frase "*nós só serve*" (nós só servimos), está também relacionado ao preconceito linguístico. O discurso construído no uso da grafia fora dos padrões da norma culta, tanto na forma escrita, quanto na cantada, diagnostica uma variação linguística que nos remete a protestos acerca da desigualdade social em que as mulheres negras estão inseridas no videoclipe também. Marcos Bagno (1999) explica que a crença de que "as pessoas sem instrução falam tudo errado" é atribuída às pessoas que não tiveram acesso à educação.

> As pessoas que dizem *Cráudia*, *praca*, pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada "feia","pobre","carente", quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola (BAGNO, 1999).

Entretanto o ato de frequentar a escola e universidades é uma pauta histórica e recorrente para as lutas dos movimentos negros. O não-lugar da população negra no sistema escolar após à abolição da escravatura é resultado dos atos políticos que não garantiam aos negros livres acesso à educação. Gonçalves e Pinto (2001) contam que criação da "lei ventre livre"[4] conferia liberdade às crianças negras que nasceram após o ano de 1870, e elas deveriam ficar sob poder e autoridade dos cuidados dos senhores de suas mães, ainda escravizadas. Os senhores deveriam cuidar-lhes e proporciona-lhes instrução *sempre que possível*. Com o passar dos anos as pessoas negras tiveram dificuldades para estudar e desenvolver suas competências intelectuais, devido ao racismo e segregacionismo, e também à falta de oportunidades. Tal posicionamento pós-abolicionista deixou às próximas gerações de pessoa negras, mesmo que livres, a herança cultural da subordinação, resultando na construção de um racismo institucional, que vai refletir não só no campo da educação escolar, mas também em outros campos sociais.

> O racismo institucional é um dos modos de operacionalização do racismo patriarcal heteronormativo - é o modo organizacional - para atingir coletividades a partir da priorização ativa dos interesses dos mais claros, patrocinando também a negligência e a deslegitimação das necessidades dos mais escuros (ONU MULHERES).

[4] CÂMARA DOS DEPUTADOS. Elemento servil : parecer e projeto de lei apresentado à Câmara dos Deputados em 1870. Rio de Janeiro : Typographia Nacional, 1874.

O trecho "Vai pro rolê com o carro que ganhou do pai/ Pra você vê, não sabe o que é trabái/ E quer ir lá dizer/ Que entende de lutas de classe" remete à uma crítica à forma como as mulheres brancas de classe média e alta atuam dentro do movimento feminista, e também em relação ao sistema de classes que privilegiou-as ao longo da percurso histórico e que atualmente é um dos pontos mais citados nas contestações teóricas, econômicas e sócio-políticas. As questões de classe estão atravessadas nos campos, e devido ao fato de que "não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência" (MARX e ENGELS, 2009), as mulheres que estão dentro de seu apartamento, possuem carro, militando através do computador, dificilmente conseguirão enxergar seus privilégios de fato. Uma vez que essas mulheres, majoritariamente brancas, possuem seus problemas particulares, suas ambições, ao mesmo tempo que precisam enfrentar a cultura do estupro, assédio sexual, desigualdades salariais, entre outras questões feministas, dificilmente elas conseguem compreender que o sucesso profissional e acadêmico delas é mais fácil de ser atingido devido ao fator da cor de suas peles e com o privilégio de classe que elas obtém somente por serem brancas.

De acordo com Soares (1994), "o movimento de mulheres no Brasil foi (e ainda é) muito heterogêneo" e "geralmente estavam marginalizados da análise da realidade social". E, Azeredo (1994) aponta sobre o fato do movimento feminista estar sempre relacionado às mulheres brancas e intelectuais, e por muito tempo o que se viu foi um movimento lutou para obter direitos e igualdade de gêneros, uma vez que "é preciso considerar gênero tanto como uma categoria de análise quanto como uma das formas que relações de opressão assumem numa sociedade capitalista, racista e colonialista" (AZEREDO, 1994).

O autor Stuart Hall fala sobre a unificação dos membros da sociedade afim de criar uma identidade nacional, mas questiona o fato de a grande família nacional apresentar problemas a partir do momento em que anula e subordina a diferença cultural dos indivíduos, pois assim como a problemática que Hall identifica acerca da cultura nacional, podemos dizer que o feminismo "nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. É também um ponto de poder cultural" (HALL, 2006).

Entretanto, através de múltiplos campos sociais elas buscam construir uma identidade e um posicionamento através de um processo de desenvolvimento e ascensão social, uma vez que "a interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as

opressões múltiplas e imbricadas, portanto como um instrumento de luta política" (HIRATA, 2014).

> As mulheres negras tornaram-se corpos destituídos de mentes e, se são "símbolos sexuais", isto se deve a uma reificação da mulher como objeto para fins específicos. Além de ser considerada hiperssexual, em aparente contradição, se impôs à mulher negra um discurso que a masculinizou: ela é compreendida como uma mulher forte, mais forte que a mulher branca, em pé de igualdade com o homem negro. (FERNANDES, 2016).

O feminismo precisa ser construído e praticado pelo olhar de diferentes vertentes, correntes e posicionamentos uma vez que "vê-se um retorno do debate sobre a experiência de entrecruzamento de diferenciações sociais com grande fôlego a partir de fins de 1970, e quanto à contextualização histórica desse novo momento de assunção da preocupação interseccional".

Quando há o desenvolvimento de teorias e produções que falam sobre a representatividade da mulher, logo deve-se incluir todas, caso contrário deve-se explicitar o grupo focal. Se nos estudos científicos e etnográficos encontramos abordagens sobre o cotidiano das mulheres negras, indígenas, latinas, pobres, entre outros diversos grupos, por que não realizar delineamentos acerca da visão da mulher branca? Tal fato não ocorre porque a cultura da branquitude legitimou a mulher branca como voz representante da voz feminina, pois até então os grupos minoritários sempre tiveram seus direitos e representatividades escamoteados perante o protagonismo da sociedade branca.

A lacuna acadêmica e o não-lugar de fala de outros grupos étnicos possibilitaram às pessoas brancas ocupar os espaços de protagonismo durante a maior parte da história. Entretanto as contestações contrárias e os movimentos sociais na contemporaneidade têm reivindicado lugares de fala e protagonismo de suas próprias problemáticas, fenômenos esses pouco estudados, apoiados e complexificado até a contemporaneidade.

> Partindo de uma perspectiva histórica, percebemos a complexidade em (d)enunciar a questão de ser "branca ou branco" nas diversas esferas, sejam elas sociais, políticas, ideológicas, acadêmicas, culturais, e assim por diante, principalmente no Brasil. Tal complexidade pode ser entendida a partir da ideia de que pessoas brancas têm de não se reconhecerem ocupando uma posição privilegiada racialmente, o que consequentemente (re)produz formas de opressão que se consolidam pela denúncia de privilégios de outros grupos. Em grande parte, tal problematização é estruturada por mulheres negras e mulheres de cor, devido às opressões por elas vivenciadas, em que apontam a dificuldade de feministas brancas em refletir sobre estruturas de opressão tão profundas e invisibilizadas como o racismo. (MARCINIK e MATTOS, 2017).

Acreditamos que todo ser humano através de sua própria história, objetivos e individualidades, possui problemas nas construções de suas relações exteriores com a sociedade. Ainda que haja dificuldade de reconhecer seus próprios privilégios as mulheres brancas também possuem suas ambições sociais, econômicas e políticas. Entretanto o que se reivindica é que o feminismo na contemporaneidade dê lugar às urgências de mulheres que nunca foram exaltadas e que por muito tempo têm sido humilhadas pela sociedade.

Considerações finais

Uma vez que a cultura do patriarcado coloca o homem na figura central, mandatária e decisória da sociedade, posto isso e sabendo que "o sexismo é um fenômeno antimulher e o racismo um fenômeno fundamentalmente antinegro" (MOORE, 2007) em que pé de igualdade a mulher negra pode se colocar na sociedade?

A midiatização, a acessibilidade às universidades e mercado de trabalho possibilitou mudaram as perspectivas acadêmicas do feminismo, pois agora. "as mulheres negras parecem ter uma voz, e com essa voz recém-descoberta vem uma nova série de preocupações" (COLLINS, 2017), uma vez que a mulher negra "é compreendida como uma mulher forte, mais forte que a mulher branca, em pé de igualdade com o homem negro" (FERNANDES, 2016), ideia essa construída no período da escravidão e que têm sido fortemente contestada academicamente e nas redes sociais, como é o caso da postagem e da música de Bia Ferreira.

Realizamos aqui alguns questionamentos afim de suscitar uma reflexão sobre a relevância do conflito apresentado na música e que estão presentes na sociedade. As críticas que Bia Ferreira produz ao feminismo das mulheres brancas é uma visão do feminismo negro ou inferem proximidade ao movimento mulherista? Collins (2017) ainda diz que Alice Walker propõe uma "uma reconciliação parcial dessas duas filosofias aparentemente incompatíveis", mas quão real seria a reconciliação desses dois grupos uma vez que as questões de classe refletem diretamente na visão das mulheres negras como um fator primordial na diferenciação de ambas?

As aflições das mulheres apresentam características análogas que se diferem das outras no aspecto micropolíticos – como direito à liberdade sexual, igualdade no mercado de trabalho, visibilidades, sexualização dos corpos – mas que converge à frente numa estrutura macropolítica, nas lutas contra a cultura do estupro, machismo, igualdade no

mercado de trabalho, que apresenta homogeneidade e concordância na externalização de suas ideias em forma de coletivo. Entretanto dentro do grupo elas apresentam opiniões diversas e discordam fortemente sobre as questões acerca dos questionamentos e debates apresentados. E neste caso a mulher afro-brasileira apresenta sua própria angústia, que ao mesmo tempo que é acoplada a outra, cruza-se, e se conectam com as ações macro que movimentam as estruturas sociais e forçam os processos de mudanças externos aos seus anseios. Talvez essa seja uma possibilidade para que o movimento feminista possa começar a repensar suas formas de uso.

Escutar ao outro, conceder o lugar de fala na prática, deixar o protagonismo de lado e pensar a estrutura feminista no processo social de dentro para fora são questões urgentes que precisam ser discutidas, e o que identificamos aqui é uma crise de identidade nos coletivos femininos que possuem diversas e diferentes particularidades, mas que visam um único objetivo: *a igualdade*.

Referências

AZEREDO, Sandra. **Teorizando sobre gênero e relações raciais**. Revista Estudos Feministas, número especial, p. 203-216, 2. sem. 1994.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico:** O que é, como se faz. São Paulo**: Loyola, 1999.**

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CARNEIRO, S. **Mulheres em movimento**. Estudos avançados. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132. 2003.

COLLINS, Patricia H. **"What is a name? Womanism, Black Feminism, and beyond".** The Black Scholar, v. 26, n. 1, p. 9-17, 2001.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNANDES, Danúbia de A. **O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude.** Estudos Feministas, Florianópolis, 2016.

FERREIRA, Bia. De dentro do ap. Disponível em: https://www.letras.mus.br/bia-ferreira/de-dentro-do-ap/. Acesso em 03 maio 2019.

GONÇALVES, Petronilha B. e PINTO Silva e Regina P. **Formação de Pesquisadores no Contexto do I Concurso Negro e Educação**. In: Negro e educação: presença do negro no sistema educacional brasileiro. Org. Marcus Vinicius da Fonseca, São Paulo: ANPED, 2001.

GONZALES, Lelia, HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1982.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 2006.

HENNING, Carlos F. **Interseccionalidade e pensamento feminista**.

HIRATA, Helena. **Genêro, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Tempo Social – USP. São Paulo. 2014.

LORDE, Audre. **Sister Outsider**. Trumansburg, NY, The Crossing Press,1984.

MARCINIK, Georgia G., MATTOS, Amana R. Sobre branquitude e privilégio: analisando movimentos feministas brancos. In: Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero [recurso eletrônico]: 13th. Women's Worlds, 2018.

MARX, Karl. **A ideologia alemã** (I- Feuerbach). São Paulo: Hucitec, 1986.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: Novas bases epistemológicas para a compreensão do racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

ONU MULHERES. Racismo institucional: uma abordagem conceitual. Disponível em: < http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf> Acesso em 04/05/2019.

OROZCO, Guillermo. **La investigación em Comunicación desde la perspectiva cualitativa**. Guadalajara: Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario, 2007.

REY, Gonzales. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

RODRIGUES, Adriano. D. **O campo dos media**. Lisboa: 1983.

SÁ, Simone P. – **Netnografias nas redes digitais**. In: José Luiz Aidar Prado. (Org.). *Crítica das práticas midiáticas* - da sociedade de massa às ciberculturas. São Paulo: Hacker, 2002, v. 1, p. 147-164.

SOARES, V**. Movimento de mulheres e feminismo: evolução e novas tendências**. IN: Revista Estudos feministas. Rio de Janeiro, 1994.